

OLIVEIRA SCHIAVETTO, S.N. de *A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Anna Blume; FAPESP, 2003, 138pp. ISBN 85-7419-363-1

*Francisco Silva Noelli**

Até pouco tempo a questão da identidade não foi um tema de interesse dos arqueólogos dedicados à pesquisa sobre os Guarani. A vasta produção bibliográfica iniciada na década de 1870, vista de uma perspectiva panorâmica, revela que os objetivos predominantes foram dirigidos à mensuração da dispersão geográfica dos registros arqueológicos e à busca de elementos tipológicos, especialmente para classificar a cerâmica. A maior parte desta produção, heterogênea em termos teóricos e metodológicos, em boa parte realizada por amadores, teve inspiração nos cânones histórico-culturais e difusionistas, visando quase sempre à generalização tipológica devida à incrível similaridade do estilo tecnológico cerâmico encontrado nas regiões pesquisadas. A questão da continuidade entre os contextos arqueológicos e culturais quase sempre teve um caráter imanente, fato que deixou de lado a possibilidade de uma demonstração mais elaborada, detalhada e consistente sobre a relação entre os entes arqueológicos e históricos. Este estado da arte levou a um atraso importante em relação à possibilidade de se construir um quadro orgânico dos processos históricos, dos aspectos processuais e pós-processuais, tanto em nível geral, como em suas possibilidades regionais. Também foi o motivo que retardou o surgimento da identidade na agenda da arqueologia sobre os Guarani.

O livro de Solange de Oliveira Schiavetto abre o debate em torno da questão da construção da identidade Guarani ou, melhor, da ausência dela. Surge em boa hora, como um chamado à contemporaneidade de uma das abordagens mais atuais na comunidade internacional. A primeira parte da obra é uma recensão bastante completa sobre a questão da identidade, como mote para falar a respeito da definição de cultura material sob os prismas dos enfoques histórico-cultural, processual, pós-processual e sobre a importância da

teoria arqueológica utilizada pelos personagens que contribuíram para a implementação da Arqueologia no Brasil. Também aborda temas conexos, como o patrimônio, os museus, a educação, os discursos produzidos, a questão da neutralidade científica e a delimitação dos grupos étnicos. A apresentação destes assuntos, a partir de um enfoque crítico e didático, no sentido de buscar explicitar os processos utilizados para construí-los enquanto objeto científico é pertinente e serve de baliza para atualizar, ao menos em parte, a reflexão dos arqueólogos estudiosos dos Guarani. A segunda parte do livro, à luz dos conceitos e perspectivas discutidos nos primeiros capítulos, trata basicamente da história das idéias e concepções dos arqueólogos que estudaram os Guarani. Primeiro mostra a constituição das pesquisas arqueológicas e históricas, com destaque para as classificações do PRONAPA e, em seguida, as perspectivas sugeridas por José Brochado. Também aborda a questão das diferenças a partir da classificação lingüística do tronco Tupi e do destaque dado aos estudos sobre os Guarani e Tupinambá. Também considera parte das reflexões de Bartomeu Melià em torno das diferenças reconhecidas historicamente entre os Guarani, e analisa o conceito de “Tupi” como categoria no pensamento social brasileiro. Em relação à construção da Arqueologia Guarani, a autora restringe-se à produção dos pesquisadores atuais, tecendo críticas pertinentes a três aspectos: 1) conexão direta entre cultura material, língua e etnia, sem uma abordagem crítica; 2) demasiada importância ao tema dos centros de origem e rotas de expansão, em detrimento de outros temas; 3) pouca atenção ao processo histórico, não aceitando a idéia de que os pesquisadores promovem discursos sobre o passado que servem ao presente.

Em que pese o fato de Solange Schiavetto ter como objetivo centrar sua análise nos temas apontados acima, especialmente nos pesquisadores mais contemporâneos, é interessante lembrar os antecedentes, os pesquisadores mais antigos, cujas

(*) Universidade Estadual de Maringá, PR.

interpretações serviram de base para os autores analisados por Schiavetto. Naqueles autores, está já claramente seqüenciada a linha de pensamento que desembocou no ponto de onde partiu o PRONAPA e aqueles que trabalharam sob uma perspectiva “monolítica”, como entende a autora. Pesquisadores como Juan Ambrosetti, Luis Maria Torres, Félix Outes, Samuel Lothrop, Antonio Serrano e Francisco de Aparício, entre 1890 e 1940, criaram o primeiro discurso da arqueologia Guarani e modelaram o pensamento predominante até hoje. Posteriormente, Virginia Watson, Gordon Willey, George Howard e Oswaldo Menghín, entre 1947 e 1957, introduziram as idéias e a linguagem tipológica ainda em vigor e que são predominantes na bibliografia. Também conviria lembrar outra ausência de peso, por sua grande produção, fundamental para a questão da identidade Guarani, a etnóloga Branislava Susnik, pioneira nos estudos históricos e sociológicos sobre os grupos regionais e suas “diferenças”.

A concepção geral do livro é acertada, mas é possível discordar de certas asserções, especialmente daquelas que pretendem impor uma perspectiva sobre outras, especialmente quando se está analisando o passado. A História da Ciência tem demonstrado que as idéias e perspectivas são, de certa forma, cumulativas (desde que se aplique os devidos pólos de controle epistemológico e filtros hermenêuticos). Embora eu tenha feito críticas severas a vários aspectos da Arqueologia Guarani, em várias publicações, percebi que velhos problemas de pesquisa permanecem no meio das perspectivas mais contemporâneas, mesmo entre teorias que lhes são antagônicas e que podem “desconstruir” o seu discurso científico. A generalização *versus* especificidade, ou viés histórico-cultural *versus* pós-processualismo (estudos de identidade), permanecem no meio das questões mais contemporâneas. Isto significa que concepções e problemas antigos ainda precisam ser analisados, ter novas perspectivas e explicações,

pois eles estão abertos ou entreabertos até agora, como no caso da origem e expansão dos Tupi ou de aspectos comparados da cultura material. A questão da identidade, como está colocada atualmente, ao invés de excluir deve incluir, deve somar e contribuir para que se possa compreender melhor os processos históricos e atualizar pressupostos propostos no passado.

Contudo, não cabe dúvida que Schiavetto abriu um novo filão, sob uma perspectiva relevante que precisa ser desenvolvida. Esperamos que ela prossiga e amplie sua pesquisa, tão importante para construir uma história das idéias, discursos e personagens da arqueologia Guarani. A propósito, vale lembrar e espanar uma “velha”, mas importante sugestão de 1947, proposta por Virginia Watson no seu conhecido artigo sobre Ciudad Real:

O termo Guarani é demasiadamente sobreabundante na antropologia sul-americana porque possui conotações lingüísticas, arqueológicas, etnológicas e etnográficas. Em combinação com outras palavras (Tupi), tais conotações tornaram-se maiores ainda. Sugere-se que uma comissão de investigadores competentes e interessados seja formalmente convocada para definir o termo e para sugerir outros termos substitutivos para aqueles significados que não são incorporados na definição Guarani. Em nossa pesquisa nenhuma tentativa foi feita para definir o termo, o qual foi usado em vários sentidos. A autora sabe que as pessoas interessadas neste campo particular da arqueologia saberão o que ela quer dizer, já que cada um de nós tem uma idéia mais ou menos clara daquilo que o termo significa nessas circunstâncias, mas infelizmente não há nenhuma definição exata, tornando-a necessária. A definição é requerida com certa urgência antes que o trabalho tenha progredido até um ponto que todos não o reconheçam num determinado instante e assim poderão acontecer grandes mal-entendimentos em trabalhos supostamente cuidadosos e científicos.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2003.